

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PELAS FONTES VISUAIS: reflexões a partir das recordações escolares

HISTORY OF EDUCATION THROUGH VISUAL RESOURCES: reflections based on school memories

Cláudia Gisele Masiero¹

Carlos Eduardo Ströher²

Resumo: A História da Educação abarca o que se entende por cultura escolar, e as perspectivas de pesquisas têm se ampliado nas últimas décadas. A temática deste estudo está centrada nas recordações escolares. Especificamente, são fotografias nas quais os estudantes posam em um cenário previamente montado, composto por uma série de objetos. Assim, o objetivo é refletir sobre a educação brasileira a partir da potencialidade dessas fontes visuais. O *corpus* documental compreende 66 imagens, feitas entre os anos 1958 e 1985, pertencentes ao acervo virtual da Rede de Estudos de História da Educação de Goiás. Nota-se que as imagens mantêm certa padronização ao longo do tempo, a despeito das mudanças no processo de escolarização no período.

Palavras-chave: Recordações escolares. Imagem. Cultura escolar. História da Educação.

Abstract: The History of Education comprehends what is understood by school culture, and research perspectives have expanded in the last decades. The subject of this study is centered on school memories. These memories are photographs in which students pose in a previously assembled setting, composed of a number of objects. Thus, the goal is to reflect on Brazilian education based on the potential of these visual resources. The documentary corpus includes 66 images, which were taken between the years of 1958 and 1985, belonging to the virtual collection of the Network of History of Education Studies of Goiás. One can observe that the images keep a certain standard over time, despite the changes in the Brazilian educational context in the period.

Keywords: School memories. Image. School culture. History of Education.

1 INTRODUÇÃO

A Educação é uma área múltipla por natureza. Compreende processos formais, que ocorrem geralmente em instituições de ensino, e informais, que entendem que, desde que o sujeito nasce, está envolvido em processos sociais de aprendizado constante, que configuram permanentemente o modo como o indivíduo se relaciona com o contexto em que está inserido.

Essa pluralidade que está na essência da educação se reflete em diversos âmbitos. Diferentes termos, como cultura escolar, escolarização, práticas escolares,

entre outros, são empregados para dar conta da diversidade dos processos que, inclusive, muitas vezes ultrapassam o espaço físico da escola. Maria Stephanou e Maria Helena Bastos (2005) destacam a emergência de novos objetos de pesquisa na área da Educação, utilizando fontes anteriormente desprezadas, como imagens, evidências orais e literatura, por exemplo. Também ressaltam o movimento teórico-metodológico que procura desnaturalizar as fontes, o que consiste, segundo as autoras, em perceber que os documentos não expressam um significado central, que não são inocentes, mas cons-

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale. Doutoranda em História – PUCRS, bolsista Capes. Tutora EaD – Universidade Feevale. E-mail: clauomasiero@gmail.com.

² Mestre e Doutorando em Educação – UFRGS. Professor dos cursos de História e Pedagogia – Universidade Feevale. E-mail: carloseduardostroher@gmail.com.

truções determinadas por interesses e estratégias. Dessa forma, a pesquisa histórica não interroga apenas a verdade contida nos documentos, mas “suas funções socio-culturais, seu conteúdo discursivo, seus códigos específicos, suas formas sintáticas, tipográficas se impressos, léticas se orais, estéticas se imagéticos ou iconográficos. Interrogará igualmente os usos variados de seus consumidores” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 419).

Considerando isso, este estudo objetiva analisar aspectos da História da Educação no Brasil através da produção de recordações escolares, uma prática usual realizada em determinado contexto dentro de instituições de ensino. Diante da potencialidade dessas fontes visuais pretende-se, também, refletir sobre as políticas educacionais adotadas no Brasil, nas últimas décadas do século passado.

As recordações escolares constituem uma prática habitual da segunda metade do século XX, quando era bastante comum os estudantes serem fotografados para a produção de lembranças impressas. No próprio ambiente escolar se montava um cenário com pano de fundo, alguns objetos sobre uma mesa, no qual o estudante ficava sentado em determinada posição. As informações sobre o nome da instituição, ano e série constavam junto ao próprio cenário ou estavam em uma folha-modelo impressa sobre a qual a fotografia era colada.

A prática das recordações escolares era frequente em muitos lugares do país. O processo, geralmente, iniciava com o fotógrafo visitando a escola para oferecer o seu serviço ou mesmo sendo chamado por membros da instituição escolar. Abdala (2013) explica que toda a escola, tanto nos aspectos físicos como humanos, parecia participar direta ou indiretamente do registro fotográfico, propiciando condições para a sua realização.

Os retratos eram feitos e, tempo depois, entregues, sendo cobrados individualmente. A ordem em que os fatos aconteciam variava bastante, não sendo possível determinar como era precisamente feita em cada instituição de ensino. As recordações escolares trazem consigo várias informações que contribuem para a sua construção enquanto fonte histórica e estão inseridas no que se entende por cultura escolar e cultura visual.

Paulo Knauss (2006) esclarece que a cultura visual se caracteriza pela aproximação com a diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade, pensada em uma definição mais abrangente. Já em uma definição mais restrita, a cultura visual trata da centralidade do olhar, aspecto que define a cultura ocidental. Pode-se pensar as fontes visuais em questão, as recordações escolares, a partir dessas dimensões. Primeiramente,

são representações visuais construídas com objetivos específicos, pois dizem respeito ao modo como se quer ver e ser visto. Estão inseridas nos processos de visualização da sociedade, inseridas no cotidiano, e formam modelos de visualidade, que, por sua vez, “educam” e “modelam” o nosso olhar e nossas ações. Conforme Martine Joly (2012, p. 59), sendo “instrumento de comunicação entre as pessoas, a imagem pode servir de instrumento de interseção entre o homem e o próprio mundo”.

Charles Monteiro (2013) argumenta que a fotografia toma lugar no mundo das imagens a partir do século XIX. O autor explica que, por um lado, a fotografia responde a uma demanda crescente de imagens e de autorrepresentação da burguesia em ascensão, buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente. De outro lado, veio disciplinar um contingente diversificado de sujeitos em uma sociedade de massas, criando a foto de identificação, pela necessidade de controle que o dramático processo de urbanização criou. Nasceu com status de “verdade”, capaz de retratar o real. André Rouillé (2009) adverte que nem o exato nem o verdadeiro são inerentes à fotografia. Dessa forma, precisa ser entendida como uma construção que depende de múltiplos fatores e pode conter em si múltiplos propósitos e gerar múltiplos sentidos. Para Paulo Knauss (2006),

essa postura, que compreende o processo social como dinâmico e com múltiplas dimensões, abre espaço para que a História tome como objeto de estudo as formas de produção de sentido. O pressuposto de seu tratamento é compreender os processos de produção de sentido como processos sociais. Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural (KNAUSS, 2006, p. 100).

Raquel Abdala (2013), em sua tese de doutoramento, analisa “retratos escolares”, entre eles os que nesta pesquisa são chamados de recordações escolares. A autora traz um intenso debate sobre o retrato e sua historicidade, pensando na pintura e na fotografia em interseção, apoiada em diversos pesquisadores. A fotografia inicialmente se desenvolveu utilizando as referências consagradas pela pintura e aos poucos foi adquirindo as próprias características e gêneros. Nas obras de arte que são retratos, há a presença de objetos e é comum haver um pano de fundo. Por mais que esses elementos possam se repetir e seguir um padrão em pinturas, com o advento da fotografia, cenários e estúdios passam a ser mais permanentes e se repetem nas imagens fotográficas. É o que se percebe nas recordações

escolares: a permanência de um modelo. Primeiramente, cabe destacar que o local onde os estudantes ficavam para que a fotografia fosse feita era utilizado por todos, salvo a troca das informações de etapa e turma em que cada um estava, quando constavam na própria imagem.

2 RECORDAÇÕES ESCOLARES: CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DOCUMENTAL

Para a realização dessa investigação são utilizadas fotografias que fazem parte de um corpus documental disponibilizado em um acervo virtual pertencente à Rede de Estudos de História da Educação de Goiás³. A escolha desse conjunto de imagens deu-se pela uniformidade do corpus documental, vinculado a um grupo de estudos consolidado, além da facilidade em acessar esses materiais, todos disponíveis no site da instituição. Em consulta ao material disponível, foram encontradas 66 imagens de recordações escolares, datadas entre os anos de 1958 e 1985.

As imagens das recordações estão inseridas em uma coleção virtual mais abrangente, intitulada “Imagens escolares”, composta por 423 itens acumulados entre 2000 e 2008 pela professora Diane Valdez. O acervo inclui dois gêneros documentais caracterizados como documentos textuais e documentos iconográficos. As fotografias que fazem parte desse acervo foram reunidas ao longo de dez anos de trabalho na disciplina de História da Educação em diferentes unidades da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Universidade Federal de Goiás (UFG). O conjunto do acervo inclui fotografias que retratam situações escolares, que vão desde as recordações analisadas no presente estudo até registros de comemorações, desfiles e formaturas, abarcando diferentes décadas até os anos oitenta do século XX, em diversas localidades do estado de Goiás, incluindo a porção que posteriormente constituiu o atual estado do Tocantins.

Um primeiro trabalho metodológico foi, portanto, coletar nas mais de 400 imagens aquelas que se configuram como recordações escolares. Cada uma das 66 imagens que se encaixaram nessa classificação apresenta um título, que muitas vezes inicia com o termo recordação escolar, acompanhado sempre do nome do edu-

candário ao qual pertence a fotografia, além do ano de produção. Em nenhuma das fotografias se menciona na própria imagem o nome do estudante presente; em alguns casos essa informação consta em uma folha de papel de maior gramatura, sobre a qual o retrato foi colado. Essa espécie de moldura era feita para esse tipo de retrato, com dizer centralizado na parte superior, “Recordação escolar”, contendo espaços a serem completados com informações tais como nome do aluno, professor, cidade e estado. O ano corrente geralmente já estava impresso logo abaixo do título ou nas laterais.

Após a definição do corpus de análise, ocorreu a classificação das imagens a partir de alguns critérios previamente definidos. Inicialmente, verificou-se a distribuição das recordações escolares por décadas. A maior parte dos registros, 59%, concentrou-se entre 1970 e 1979, seguida de 25% da década de 1960, e os demais distribuídos entre os anos 1950 e a década de 1980, períodos iniciais e finais do corpus analisado. A maior parte das imagens, 77%, são em tons de preto e branco, sépia ou coloridas manualmente, sendo as demais coloridas originalmente.

Em relação ao conteúdo das fotografias, estas foram analisadas considerando três elementos, destacados por Raquel Abdala (2013): dois da esfera material – cenário e objetos cênicos – e um vinculado às práticas culturais – a pose.

O primeiro elemento, o cenário, é composto invariavelmente por uma mesa em formato retangular e objetos cênicos que se distribuem sobre ela e ao fundo. Dessa forma, a orientação da fotografia é sempre horizontal, de forma que todos os elementos possam aparecer no registro fotográfico, deixando o estudante na posição central.

É preciso considerar que, se as recordações escolares pertencem à cultura escolar e à cultura visual, como já se disse, igualmente dizem respeito à cultura material⁴. São fotografias analógicas, que em seus propósitos requeriam revelação e montagem, no caso das que eram coladas em uma espécie de “moldura”, para serem preservadas. Guardadas ou expostas, ao serem entregues aos domínios dos respectivos retratados, traziam consigo o intuito de perpetuarem a “época”, “os tem-

³ A Rede de Estudos de História da Educação de Goiás (REHEG) foi criada em 2007, a partir do Grupo de Estudos e Pesquisa de História da Educação de Goiás, e está sediada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 2008. O objetivo da rede é difundir a sistematização de leituras em torno da história, da história da educação e de fontes. Constitui-se como site de referência em documentos de história da educação de Goiás, com ênfase sobre a pesquisa documental com tratamento arquivístico e visa socializar seus produtos no formato digital junto ao público interessado. Disponível em: <<https://reheg.fe.ufg.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁴ Segundo Glassie (1999), a cultura material, por sua vez, é tida como a produção tangível da condição humana, sendo que o seu estudo se inicia com os objetos, mas não termina com eles; usa-os para se aproximar do pensamento e da ação humana.

pos de escola”. Henry Glassie (1999) escreve que os objetos não estão somente no contexto, mas o contexto também está nos objetos.

No que tange aos objetos que compõem o cenário, os mais frequentemente identificados foram livros, presentes em 88% das fotografias. Na maior parte das imagens, não foi possível identificar o título das obras, mas geralmente são publicações volumosas, possivelmente enciclopédias – bastante comuns na época das fotografias –, além de livros didáticos – alguns de História do Brasil são identificados – e eventualmente livros com menor número de páginas, talvez literários.

O segundo objeto mais presente no corpus de fotografias analisadas é a bandeira nacional, com 59% de aparições. Esta é representada ora como fundo do cenário, ora hasteada atrás do estudante ou em um formato reduzido na mesa, ao lado do aluno. Somente em três fotografias não foi possível identificar a bandeira presente, podendo ser a do município onde a escola estava localizada, por exemplo. Outro objeto usual é o mapa, que apareceu em 44% das imagens analisadas. A maioria desses mapas, mais de 2/3 do total, são do território brasileiro – do tipo político ou físico –, sendo os demais mapas-múndi ou de outros espaços não identificados. Na sequência, o outro objeto cartográfico frequente é o globo terrestre, presente em 37% das imagens. O tamanho dos globos também é variado, desde miniaturas até outros maiores, e geralmente ocupando a lateral esquerda ou direita da imagem. Os demais objetos identificados foram plantas – flores ou folhagens –, com 21%; aparelhos telefônicos, com 18%; além de outros menos usuais, como estátua de santo, troféu, fichário, rolo de filme fotográfico e ilustrações de personagens infantis.

O terceiro elemento analisado se refere à pose que os estudantes apresentam nas fotografias. Identificou-se que em 71% das imagens o retratado está sentado com as mãos sobrepostas, formando com os braços uma linha reta sobre a mesa, em uma postura que denota rigidez e adequação a uma posição predeterminada, possivelmente pelo fotógrafo. Em algumas imagens, 10% delas, há uma variação dessa posição, em que o aluno está com os braços cruzados, geralmente de forma parcial e discreta. Outra posição identificada em 14% foi aquela em que o estudante segura um artefato de escrita, um lápis ou uma caneta. Esta pose também aparenta ser pouco natural, pois a criança às vezes aponta o objeto para um livro fechado e nunca está olhando para o que está escrevendo, pois mantém o rosto erguido em direção à câmera. Por fim, há duas imagens em que os alunos seguram um telefone, simulando uma

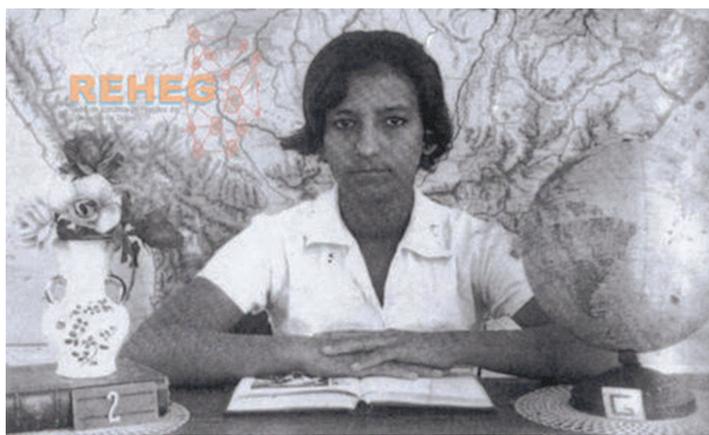
conversa, e uma em que uma aluna está vestindo toga e capelo, esta sem qualquer um dos objetos anteriormente mencionados ao redor, portanto, destoando do conjunto analisado.

3 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1980 NAS RECORDAÇÕES ESCOLARES

As 66 imagens encontradas no acervo constituem uma série, e os dados apresentados consideram a sua totalidade para análise. Não sendo possível avaliar cada uma delas individualmente, devido à grande quantidade de itens, foram selecionadas quatro imagens, uma de cada década que compreende o período analisado, para que se possa, a partir delas, pensar sobre cada contexto com mais profundidade. É claro que, uma vez que as fotografias estão relacionadas, ao observar essas quatro imagens, não se deixará de referenciar, observar e refletir sobre as demais.

A imagem 1 é de 1958, a mais antiga entre as pertencentes ao corpus analisado. Essa apresenta quase todos os elementos canônicos das recordações escolares: mapa, globo, livros, mãos sobrepostas. Ao centro o/a estudante, cabeça erguida, posição ereta, braços sobre um livro que está na mesa. No canto esquerdo há ainda um vaso com flores. A fotografia está em preto e branco. Beatriz Fischer (2012), em estudo semelhante a esse, em que analisou imagens do período entre 1949 e 2009, afirma que as recordações escolares apresentam aspectos regulares e recorrentes em diferentes regiões brasileiras, tanto em relação aos objetos icônicos, que remetem a elementos cívicos, como às práticas decorrentes desse registro.

Imagem 1: Recordação escolar – 1958



Fonte 1: Acervo do REHEG. Disponível em: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/recordacao-escolar-2-serie-escola-estadual-baltazar-de-freitas-2>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

A representação dessas fotografias com objetos cênicos que remetem a elementos nacionais e a livros, segundo Raquel Abdala (2013), apresenta relação com fotografias feitas, no século XIX, do imperador brasileiro D. Pedro II, que se fez retratar diversas vezes em cenários com um globo, livros, bandeiras e mapas. A organização das recordações escolares, em meados do século XX, ao mesmo tempo que apresenta resquícios desse substrato visual do século anterior, demonstra a evolução tecnológica da fotografia no âmbito social e mostra uma nova prática cultural, ligada à busca de desenvolver um registro que pudesse conservar para a posteridade as lembranças da época escolar dos alunos. Abdala, ao estudar álbuns fotográficos de uma escola paulista, não encontrou nos arquivos da instituição nenhuma fotografia desse formato, somente em acervos particulares de ex-alunos:

Embora muito disseminado na sociedade brasileira, esse tipo de retrato é raro em instituições arquivísticas, devido ao fato de ser um elemento da esfera do privado. São retratos realizados por fotógrafos profissionais que oferecem seus serviços às escolas ou que são contratados pela própria escola para registrar e identificar seus alunos, oferecendo à família uma recordação da vida escolar de seus filhos (ABDALA, 2013, p. 191).

As informações que acompanham cada uma das imagens no acervo virtual também mostram que a maioria das imagens é proveniente de acervos particulares, visto que as fontes foram coletadas a partir de pesquisas desenvolvidas por um grupo de estudos e que contou com o auxílio de estudantes universitários, que “garimparam” os registros junto aos seus respectivos donos.

Considerando as peculiaridades das recordações escolares para a memória individual de alunos, pode-se traçar também um paralelo com o contexto educacional brasileiro, na busca de elementos que permitam relacionar as fotografias e a realidade social de cada época.

O período correspondente ao final da década de 1950 expunha os contrastes de uma sociedade em processo de urbanização. O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) foi um período conhecido como “anos dourados”, e trazia ares de esperança, prometendo o desenvolvimento do país para crescer “50 anos em 5”, a partir de investimentos em setores essenciais e abertura ao capital estrangeiro, rompendo com o nacionalismo que marcara os governos anteriores.

No âmbito educacional, o projeto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) tramitava no Congresso enquanto as políticas educacionais caminhavam em ritmo lento, com uma realidade marcada por uma escolarização

ainda concentrada nas grandes metrópoles, e longe delas de forma precária e deficiente. O início dos anos 1960 assistiu a uma ampla discussão de projetos de educação popular – com destaque para as iniciativas de Paulo Freire nos Movimentos de Cultural Popular em Pernambuco e os movimentos de Educação de Base ligados à Igreja Católica – e de renovação universitária a partir da criação da Universidade de Brasília, tendo a liderança de Darcy Ribeiro. A educação pública, gratuita, laica e de qualidade eram bandeiras defendidas por todos esses movimentos.

Os anos 1960 viram crescer a turbulência política com os governos instáveis de Jânio Quadros – que renunciou após apenas oito meses – e João Goulart – que teve dificuldades em assumir e foi posteriormente deposto antes de colocar em prática suas propostas de governo. As mudanças educacionais em curso, de caráter plural e democrático, no entanto, alteraram sua rota a partir de 1964, com a implantação da ditadura civil-militar. Conforme Maria Lúcia Aranha (2006), o grupo que chegou ao poder suprimiu a representação e a ação de membros estudantis em movimentos, associações e partidos políticos. O controle rígido instituído sobre as instituições de ensino, desde as de ensino primário até as de educação superior, visava atender a uma nova política de Estado para a área educacional. Foram firmados os acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e *United States Agency for International Development*), pelos quais o Brasil recebeu assistência técnica e cooperação financeira dos Estados Unidos para a implantação de reformas educacionais. É importante lembrar que as relações entre os dois países se estreitaram no contexto da Guerra Fria, em que os conflitos ideológicos entre os modelos capitalista e socialista exigiam posicionamentos contundentes na política externa e explicitavam tensões que repercutiam em todas as esferas sociais. Para Aranha (2006), estava evidente, por parte dos governos militares brasileiros, a busca de um modelo tecnicista de educação, que buscava aplicar na escola o modelo empresarial para “adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, evidentemente com economia de tempo, esforços e custos” (2006, p. 315), em consonância com as políticas econômicas implementadas no país no período.

Em um ambiente de diminuição da liberdade de expressão, o currículo escolar foi sendo gradativamente alterado. Disciplinas como História e Geografia foram aglutinadas em Estudos Sociais, excluindo o teor crítico nas abordagens, e surgiu a disciplina de Educação Moral e Cívica, componente destinado a tratar dos símbolos nacionais e estimular o patriotismo entre os alunos.

Nesse contexto, as recordações escolares constituíram-se como um artifício extra que corroborava as práticas educativas que visavam enaltecer os elementos nacionais, sem reflexões críticas ou questionamentos aos órgãos do governo. A imagem 2 evidencia a artificialidade da constituição dessas lembranças escolares, na qual o aluno assume uma posição previamente montada, aparentemente sem demonstrar qualquer entusiasmo com a produção do registro. A semelhança com a primeira fotografia é visível, alguns dos elementos se repetem e a composição da imagem em si é similar. Observando as demais imagens do corpus analisado, percebe-se que poucos estão espontâneos, prevalecendo a pose e a seriedade dada ao momento. Alguns poucos estudantes estão sorrindo neste tipo de retrato.

Imagem 2: Recordação escolar – 1960



Fonte 2: Acervo do REHEG. Disponível em: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/recordacao-escolar-grupo-escolar-francisco-silverio-de-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Além das mudanças que restringiram a abordagem na área das Ciências Humanas no currículo escolar, que Aranha (2006) afirma que se assentavam no pilar “educação e segurança”, foram implementadas também iniciativas para atender ao pilar “educação e desenvolvimento”. Estas eram de caráter tecnicista, visando profissionalizar o ensino secundário, de forma que fosse possível qualificar de forma rápida e pouco aprofundada o trabalhador de diferentes setores econômicos, como o setor primário (agropecuária), secundário (industrial) e terciário (serviços). As habilitações variavam, e chegaram a cerca de duas centenas. Claudino e Nelson Piletti (2016) expõem o fracasso dessas iniciativas, visto que as escolas não tinham condições físicas para colocar em prática a maioria das habilitações e ge-

ralmente optavam por aquelas que tinham menor exigência financeira de implementação, mesmo que não atendessem a demanda do mercado no qual estavam inseridas.

A imagem 3 apresenta essa tendência tecnicista ao apresentar o aparelho telefônico junto aos demais elementos cenográficos da fotografia. A postura da menina ao telefone, demonstrando satisfação e presteza, estava de acordo com as intenções do governo de formar profissionais de caráter técnico-burocrático, como telefonistas, que pudessem atender as demandas da economia brasileira, que implementava medidas de abertura ao capital estrangeiro.

Imagem 3: Recordação escolar – 1971



Fonte 3: Acervo do REHEG. Disponível em: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/recordacao-escolar-escola-estadual-presidente-castelo-branco>>. Acesso em: 20 jan. 2018

Apesar dos acordos e financiamentos internacionais, o cenário educacional brasileiro não apresentava indicadores satisfatórios. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa governamental que visava diminuir os índices de analfabetismo, lançado em 1967 e implementado ao longo da década seguinte, não conseguiu alterar significativamente os números, que em 1973 apontavam que 28,51% dos brasileiros eram analfabetos (ARANHA, 2006, p. 319).

A imagem 4, representando a década de 1980, apresenta um elemento que demarca outra evolução tecnológica: o rolo fotográfico, que passou a popularizar-se, assim como as câmeras fotográficas de uso pessoal. É interessante perceber que um objeto contemporâneo ao período da fotografia é colocado junto aos demais, já tradicionais. Talvez seja uma tentativa da escola mostrar que acompanhava as mudanças e estava preparada

para mostrar aos alunos o futuro, mesmo que distante e utópico para a maioria dos estudantes.

Mantêm-se a presença dos elementos canônicos das outras fotografias e a artificialidade do gesto de escrever, com o aluno segurando um lápis sobre um livro fechado. O troféu presente no cenário sugere que a alfabetização é um processo vitorioso. Se considerarmos as estatísticas, o êxito era limitado. A extensão da obrigatoriedade do 1º grau de quatro para oito anos, implementada a partir da reforma de 1971, acabou com o exame de admissão entre o antigo primário e o ginásial e adotou a nomenclatura 1ª a 8ª série, visando o aumento do tempo de escolaridade da população. No entanto, essa ampliação não garantiu índices substancialmente melhores, visto que a evasão e a repetência continuavam muito elevadas: segundo Piletti, dos alunos que iniciaram o 1º grau em 1978, só 55,3% passaram para a 2ª série, e, em 1989, havia aproximadamente 5 milhões de crianças entre 7 e 14 anos fora da escola (PILETTI; PILETTI, 2016, p. 214).

Imagem 4: Recordação escolar – 1984



Fonte 4: Acervo do REHEG. Disponível em: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/escola-estadual-jose-honorato>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

A análise das recordações escolares, além dos elementos já trazidos, relacionando às políticas educacionais da segunda metade do século XX, explicitam a necessidade de representação, motivada pelos processos de visualização e modelos de visualidade da época. A vontade de ter esse registro como lembrança era moti-

vada possivelmente pelos pais dos alunos, os quais muitas vezes eram analfabetos ou tinham uma escolarização limitada e precária, e queriam que seus filhos tivessem um destino diferente. A escola certamente também influenciava na perpetuação do registro, como prova visual do cumprimento de sua função social, tanto para a comunidade em que estava inserida como para os órgãos do governo, uma vez que montava, em um pequeno cenário, os elementos cênicos que materializavam os objetivos que se esperavam da educação, formar cidadãos patrióticos e orgulhosos de sua nação.

Nicholas Mirzoeff (1999) entende que a cultura visual não depende das imagens propriamente ditas, mas da tendência moderna de figurar ou visualizar a existência. Complementando essa ideia, Abdala (2013, p. 173) afirma que “representar-se significa a possibilidade de autorrepresentar-se e de ver-se como num espelho, mas principalmente de perenizar-se, de ultrapassar os limites da morte e de produzir suportes de memória para si e para as gerações posteriores”.

Esse, talvez, seja o principal objetivo da permanência da prática das recordações escolares e, também, da preservação das imagens em si. A família e a escola buscavam eternizar o momento vivido pelos estudantes. De qualquer forma, tornou-se elemento da cultura escolar e, é claro, da cultura visual, como se pode verificar pela continuidade dos registros ao longo das décadas analisadas e pela semelhança na composição das fotografias. Essa padronização dos registros fotográficos que circundam o meio escolar já é apontada por Abdala (2013), que identifica recorrências e a consolidação de padrões de representação social e de iconografia na consolidação de uma imagem da escola. Segundo a autora, isso se dá não apenas do ponto de vista técnico-formal, mas também do temático. Pode-se falar, então na “sobrevivência”⁵ do modelo ao longo das décadas. Percebe-se de maneira clara as referências buscadas pelos fotógrafos e instituições de ensino em “recordações” anteriores.

Ao produzirem essa memória, concomitantemente, deixam vestígios de um passado, como se pode perceber ao longo dessa pesquisa. Diante disso, “torna-se claro por que as perguntas a se fazer sobre as imagens não são apenas o que elas querem dizer ou o que elas fazem, mas qual é o segredo de sua vitalidade – que elas querem?” (MITCHELL, 2003, p. 35).

⁵ Conceitos importantes para se pensar a imagem são os de sobrevivência e sintoma, trabalhados por Aby Warburg (2015). Para Maria Lúcia Kern (2010, p. 18), “o sintoma é a presença da sobrevivência de outros tempos e a conjunção da diferença e da repetição. Pensar o tempo implica a diferença e a repetição, o sintoma e o anacronismo”. Contudo, não se objetiva aprofundar tais conceitos nesse estudo.

Monteiro (2013) destaca que a representação por meio da imagem era um privilégio social, assim como era considerada um perigo público, devendo ser controlada. Os poderes não estavam nas imagens em si, segundo o autor, mas nos usos sociais que se faziam delas. A fotografia e o desenvolvimento da tecnologia que envolve essa prática contribuíram para a democratização da imagem, embora em seu momento inicial estivesse ligada à elite. A prática fotográfica se ampliou, se diversificou e se difundiu ao longo de sua existência. As recordações escolares refletem, de certo modo, essa popularização da técnica, se observarmos o período estudado. Ao mesmo tempo que faz com que se reflita sobre o quanto ainda era inacessível para uma grande parte da população. Contudo, essa prática possibilitou que outra parcela dos alunos tivesse um registro de sua imagem, talvez única da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso dizer que há outros estilos de lembranças escolares. Algumas se encontram no formato retrato e as crianças estão de toga. Não há a presença de objetos, por exemplo, apenas o fundo da imagem costuma possuir algum dizer fazendo menção ao que se trata. Porém, certamente, a composição mais recorrente é a das fotografias que são analisadas neste estudo. Pode-se dizer que praticamente mantêm o mesmo enquadramento, ou seja, centralizado em um ângulo reto. Utilizam-se de um plano médio, o sujeito fotografado e o ambiente dividem o enquadramento, além dos significativos objetos que se repetem nos cenários preparados para os retratos.

Considerando o período estudado, 1958 a 1985, percebemos que houve mudanças no cenário educacional no âmbito das políticas governamentais. Passou-se de governos democráticos a ditatoriais, na tentativa de ampliar o acesso à escolarização básica, em uma sociedade que se urbanizou rapidamente, mas não resolveu seus problemas sociais. As iniciativas para ampliar os índices de alfabetização e permanência na escola, mais do que diminuir a desigualdade, visavam à inserção e à adaptação do Brasil à lógica capitalista internacional, que exigia trabalhadores qualificados para os postos de trabalho, mesmo que moldados por uma formação enxuta e deficiente. Ao mesmo tempo, buscavam perpetuar valores cívicos e patrióticos na população, usando a escolarização como ferramenta privilegiada para essas práticas. A fotografia, por sua vez, tinha a sua importância nesta sociedade que buscava ser “moderna”, tendo sido inserida até mesmo no contexto escolar, como se pode ver pelos registros aqui considerados.

Os cenários das recordações escolares analisadas, oriundas dessas mesmas décadas, mantiveram certo padrão. De certa forma, a permanência do formato das imagens fotográficas reflete as permanências nos processos educacionais na prática. Mais que isso, confirmam que mudanças estruturais e profundas não ocorreram. Mudam-se alguns objetos, conforme as possibilidades de cada contexto e espaço, representando, ainda, algumas modificações pretendidas no sistema educacional. Contudo, as grandes transformações não aconteceram, embora fossem necessárias. A construção do espaço para fazer os retratos se dava com os recursos existentes e pouco ou nenhum investimento. O mesmo acontece ao longo da História da Educação com a construção e manutenção dos espaços de aprendizagem.

William Mitchell (2003) diz que a cultura visual pode ser definida não apenas como o campo de estudos da construção social do visual em que se operam imagens visuais e se realiza a experiência visual. Pode ser também entendida como o estudo da construção visual do social, o que permite tomar o universo visual como terreno para examinar as desigualdades sociais. Assim, considerando o tema de estudo em questão, pode-se refletir sobre o processo de construção das imagens fotográficas, vinculadas a um contexto, e a busca pela produção de sentido, confirmando a riqueza das recordações escolares para o entendimento da História da Educação. Por outro lado, pode-se pensar sobre a importância que essas imagens adquiriram ao longo do tempo no âmbito da cultura escolar. Além, é claro, de se constituírem em suporte de memória individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Raquel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representação sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. 2013. 314f. Tese (Doutorado em Historiografia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. Recordação escolar: aluno, livros, mapa e globo – uma imagem recorrente da cultura escolar (1949-2009). In: CD ROM **Atas do IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: rituais, espaços & patrimônios escolares**. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, IX CLBHE, 2012.
- GLASSIE, Henry. **Material Culture**. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Tradução: Maria Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem, historiografia, memória e tempo. **ArtCultura**, 12, n. 21, jul./dez. 2010.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

MITCHELL, William J. T. Mostrando el ver: una crítica de la cultura visual. **Estudios Visuales**, n. 1, p. 17-40, nov. 2003.

MIRZOEFF, Nicholas. The age of photography (1839-1982). In: _____. **An introduction to Visual Culture**. Abingdon: Routledge, 1999. p. 65-90.

MONTEIRO, Charles. Pensando sobre Imagem, História e Cultura Visual. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, p. 3-16, jul./dez. 2013.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2016.

REDE DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE GOIÁS (REHEG). Disponível em: <<https://reheg.fe.ufg.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: Entre documento e a arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e historiografia da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 3 volumes. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande – Escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.